

O MUSEU PORTUENSE.

JORNAL DE HISTORIA, ARTES, SCIENCIAS INDUSTRIAES
E BELLAS LETRAS.

Publicado debaixo dos auspicios da Sociedade

DA TYPOGRAPHIA COMMERCIAL PORTUENSE.

N.º 12

15 JANEIRO.

1839



BOCA D' UMA MINA DE CARVAO DE PEDRA.

SOBRE AS MINAS DE CARVÃO DE PEDRA.

O CARVÃO DE PEDRA é, como todos sabem; uma substancia mineral que se encontra a maior ou menor profundidade, abaixo da superficie da terra.

Sua composição pôde considerar-se debaixo de

3 aspectos, a saber: 1.º Em quanto ás proporções em que nelle entrão materiaes combustiveis e fezes terreas: 2.º Em quanto as formas apparentes em que seus principios constituintes se combinão: 3.º Em quanto aos elementos que a ultima analyse nos patentêa.

Estes 3 modos de considerar a composição do carvão de pedra dão 3 respectivos resultados; a saber: a classificação de seus ingredientes: 1.º Carvão combustível, materia volátil, e cinzas: 2.º Carvão combustível, Betume, e Terra: 3.º Carbonico, Oxygeneo, e Hydrogeneo, com as vezes Azote. Estes componentes todos varião de tal modo (segundo a especie de carvão analisada) que ser-nos-hia muito longa a enumeração de suas proporções; temo-las, todavia, apontado segundo aquella ordem que indica sua relativa importancia em quantidade.

A investigação da origem desta substancia tem dado muita occupação aos naturalistas. Em 2 grandes classes se dividem os carvões mineraes. A primeira que se denomina *anthracite*, é, em contextura e posição natural, essencialmente differente da segunda: a esta primeira classe concorrem todos em dar uma origem coeva com a primeira solidificação do globo que habitamos, e anterior a toda a organização de materia vegetal ou mineral. Sobre a segunda especie, que é essa que comprehende o carvão de Vallongo, o carvão Inglez, etc., tem havido acaloradas discussões e profundas investigações; e, não obstante algumas plausiveis objecções, concorre a generalidade dos naturalistas em attribuir-lhe uma origem *vegetal*, e uma formação muito mais recente que a primeira especie, remontando contudo a uma epocha muito anterior á criação do homem e ao actual arranjo do nosso globo. A esta conclusão da origem vegetal do carvão mineral são os philosophos induzidos, assim pela consideração dos seus primeiros elementos, que são analogos áquelles que apresenta a analyse do carvão de lenha; como por sua contextura que examinada ao microscopio mostra fibras lignosas; e os immensos traços de vegetação mineralizada, que em todas as partes e em todas as camadas terreas que alternão no seio da terra com o carvão, constantemente se tem encontrado. Tem se verificado entre estes vegetaes *fossis* algumas poucas plantas do genero dos pinheiros, muitas do das palmeiras, immensas das familias dos fetos; e tudo torna mais que provavel o serem os depositos mineraes do carvão vastas massas de materia vegetal, que outr'ora em epochas remotissimas florescerão sobre a superficie da terra, mas que nessas espantosas revoluções geraes que nosso globo tem soffrido, forão submergidas e sepultadas sob as profundidades da terra, onde se tem decomposto até tomar a forma e apparencia em que as encontramos.

Longe nos levaria o desenvolvimento de toda esta doutrina e a deducção de suas consequencias; mas são isto assumptos da propria esphera de toda uma sciencia — a Geologia, que, como seu nome grego (de *gê*, terra; e *logos*, discurso;) indica, é a sciencia que trata da estrutura da Terra em quanto a sua origem, sua constituição, e a composição do seu conteúdo solido; — Sciencia vasta e magnifica — estribada em observações e factos, — que nascida em tempos bem pouco distantes, tem feito tremer sobre seus alicerces doutrinas sancionadas pelo assenso de longos seculos; e ultrapassando a inutilidade de metaphysicas philosophicas, tem se tornado essencial em todo o trabalho racional sobre os productos que a terra esconde em seu seio, e cuja scientifica elaboração tem elevado algumas nações á prosperidade e á civilização.

O carvão mineral encontra-se em camadas de varias grossuras, que repetidamente alternão com outras em que prevalecem a lousa barrenta e a pedra arenosa. Cada successiva camada de carvão se distin-

gue por sua maior ou menor pureza, pela maior ou menor quantidade de betume que contera etc. etc. A estas alternadas camadas (às vezes numerosissimas) de carvão e d'outras materias mineraes, se denominão *leitos de carvão*. Estes *leitos* assentão usualmente em 3 camadas mineraes de natureza fixa e determinada; a saber: 1.º Pedra arenosa e lousa barrenta; 2.º Pedra de cal; 3.º Pedra arenosa vermelha. A reunião dos *leitos de carvão* com as 3 mencionadas camadas dá-se o nome de *formações carbonaeas*. De todas estas camadas uma ou outras podem deixar d'existir n'uma dada mina; mas o que *nunca* acontece é apparecerem em ordem inversa daquella que se tem observado e que aqui succintamente apontamos. Ha portanto camadas que nunca se encontrão existindo sobre o carvão; e outras acima das quaes nunca elle se encontra. Daqui tira o mineiro, cuja sciencia lhe é de guia na pratica, grande vantagem no conhecimento dos indicios de carvão pela inspecção dos terrenos; podendo logo asseverar a possibilidade ou a impossibilidade do nelles haver carvão.

A exploração das minas de carvão (nos paizes em que estas cousas se fazem como deve ser) é objecto em que se empregão grandes cabednes; porque as camadas de carvão que apparecem nos leitos, ainda que muitas em successão, são raras vezes taes em grossura e em qualidade que se possam aproveitar; e é necessario perforar a terra, e desprezar ás vezes 16 ou 20 camadas de carvão, até encontrar uma que se possa trabalhar. Estas despezas preliminares podem absorver até um milhão e meio de cruzados; e dependem dos obstaculos que se encontrão na feitura da primeira boca vertical. Estes obstaculos entre outros, são; ora bancos d'arêa movediça, que continuamente corre para onde nelles se faz excavação; ora fios d'agua que é preciso estancar ou esgotar. O primeiro inconveniente não se vence senão com aturado trabalho; o segundo exige o estabelecimento de poderosas bombas movidas por custosas machinas de vapor.

Os trabalhos da extracção do mineral apresentam muita cousa curiosa e digna d'attenção. Estabelecida que seja a descida vertical até ao encontro da camada que se intenta explorar, trabalha-se na extracção do carvão, de duas maneiras. A direcção do trabalho é sempre em galerias, cujas abobedas são sustentadas por esteios, que se deixão ficar, do mesmo mineral; mas estas galerias ou ficão permanentes, ou são destruidas pelo acto de se retirarem os esteios que as formão. Este ultimo modo de trabalhar é aquelle que é mais recommendado; porque a permanencia das galerias dava logar ao estabelecimento de grande depositos d'agua que nellas se formavão e dammificavão a final todos os trabalhos da mina. Este segundo modo d'operação é isento deste grave inconveniente; mas exige muita precaução, e muita sciencia pratica da riqueza e direcção das veias em que se trabalha.

A extracção nas galerias é executada á picareta, ou á broca e força de polvora. As porções arrancadas são conduzidas em carrinhos-de-mão, ou em carros puchados a cavallos até junto á hastea vertical, para dahi serem içados acima por meio d'uma ou mais machinas de vapor. Os *carris-de ferro* coadjuvão tanto os trabalhos internos como a conducção externa.

Toda a mina de carvão produz em maior ou menor quantidade duas especies de gazes: o gaz acido carbonico, e o gaz hydrogeneo carbonetado. O primeiro é totalmente improprio para a respiração, e apaga logo a luz da vela que nelle se expozer; o segundo não tolhe a respiração senão quando se a

e'ha em grande preponderancia sobre a quantidade com que se mistura do ar atmosferico, mas possui a perigosissima propriedade de se inflamar com a luz da vela e detonar com grande prejuizo de tudo que encontra.

A ventilação das minas, a fim de pelas correntes d'ar neilas estabelecidas dar segura e facil sabida a estes gazes, é objecto da primeira importancia. Varios tem sido os methodos empregados.

O arteificio mais usual é o estabelecimento de fogos tanto dentro como fóra da mina; e estes tornando nestes pontos o ar mais rarefeito, para ahi chama-se uma corrente. Ao mesmo tempo obriga-se esta corrente a circular por todos os angulos da mina, por meio de portas competentemente collocadas nos corredores e galerias, que ao tempo que dão sahida ao ar n'um sentido, não se abrem para o deixar circular em direcção opposta. Mas como em consequencia do transitio dos operarios pelos corredores, a corrente d'ar teria caminho para um e outro lado, (embora as portas não se abrissem senão em sentidos dados) — são estas portas duplices em cada ponto, com sufficiente intervallo para a admissão d'um carro; de sorte que em quanto uma se abre a outra fica fechada, e é desta arte conservada a desejada direcção da corrente d'ar. Minas ha em que as voltas que dá a corrente d'ar no interior da mina, chegam á extensão de 2 legoas.

Em algumas minas trabalha uma bomba d'ar, que produz os mesmos effeitos que os fogos.

Todas estas precauções não são comtudo sufficientes para evitar as explosões a que dá lugar a subita e abundante irrupção d'uma corrente de gaz hydrogeneo; o qual se encontra uma unica vela accessa inflamma-se e produz os mais terriveis estragos. Ao arteificio da ventilação ajunta-se o mais escrupuloso uso do lampeão de *Davy*, (assim denominado do seu illustre inventor.) com o qual se pôde affoutamente trabalhar no meio do referido perigoso gaz, quando suas proporções relativas á sua combinação com o ar atmosferico não são excessivas; — ou retirar a tempo quando nelle nem pôde respirar o homem, nem arder luz sem consequencias fataes. Mas não obstante esta transcendente descoberta, e todas as precauções imaginaveis, o numero de pessoas que perecem em minas de carvão por causa d'explosões, é muito grande. Em Inglaterra, de 1810 até 1834 contavão-se 1127. Julga-se que o desprezo pelos operarios das cautellas que lhes são recomendadas é a causa principal de tanto desastre.

A nossa primeira gravura representa a bôca d'uma mina de carvão em plena actividade. Todo o espaço que cerca a hastea vertical é cercada d'um andaime de madeira, inferior ao qual se acha o carril-de ferro em que assentão os carros para a conducção do carvão ao seu destino local. Em (a) vêem-se uns operarios a desenganchar as canastras carregadas que sahirão do interior da mina. Em (d) vêem-se outros (coadjuvados pelos dous que lhes são sobranceiros em uma especie de guindaste movel) a despejar uma grande medida de carvão para o crivo inclinado, donde passa aos carros. Em (b) se vê um martello que repete os signaes que do fundo da mina se fazem para diversos fins. No grande vaso de cobre (c) vemos dous operarios a descer para o interior.

Na visinhança da bôca da mina se achão collocadas todas as officinas necessarias, assim como as machinas de vapor — tanto as do esgotamento da mina como as da elevação do mineral. Algumas destas machinas são d'enorme força. Em *South Hutton*, no Norte d'Inglaterra, a machina de vapor que move a bomba d'esgoto é da força de 300 cavallos. A-

lem desta machina ha outras tres, cada uma da força de 90 cavallos.

Qual a assiduidade que reina nestes trabalhos os dados seguintes indicarão. Na mina referida trabalha-se de dia e de noite, porque as turmas de mineiros revezão-se. Mas das 24 horas não podemos contar senão 18 de trabalho effectivo, porque as outras 6 empregão-se na conducção dos mineiros de, e para o fundo da mina; de mantimentos para os cavallos que lá em baixo trabalhão; e em communicações contingentes. Nestas 18 horas pois, a quantidade de carvão arrancado e remetido para o alto da mina anda por 600 tonnellas ou 41493 arrobas portuguezas. O trabalho effectivo da mina occupa, no interior da mesma 316 pessoas, externamente 210.

A gravura N.º 2 mostra os renques de carros recebendo o carvão que lhes chega atravez do crivo inclinado, e collocados sobre os carris que vão ter aos depositos d'embarque no proximo porto de mar. Por esses carris descem os carros pelo mero impulso de seu pezo, como se vê representado na gravura que inserimos a pag. 33 (do N.º 3) deste periodico.

Dos modos de despejar o conteudo dos carros nas embarcações descreveremos dous dos mais usuaes.

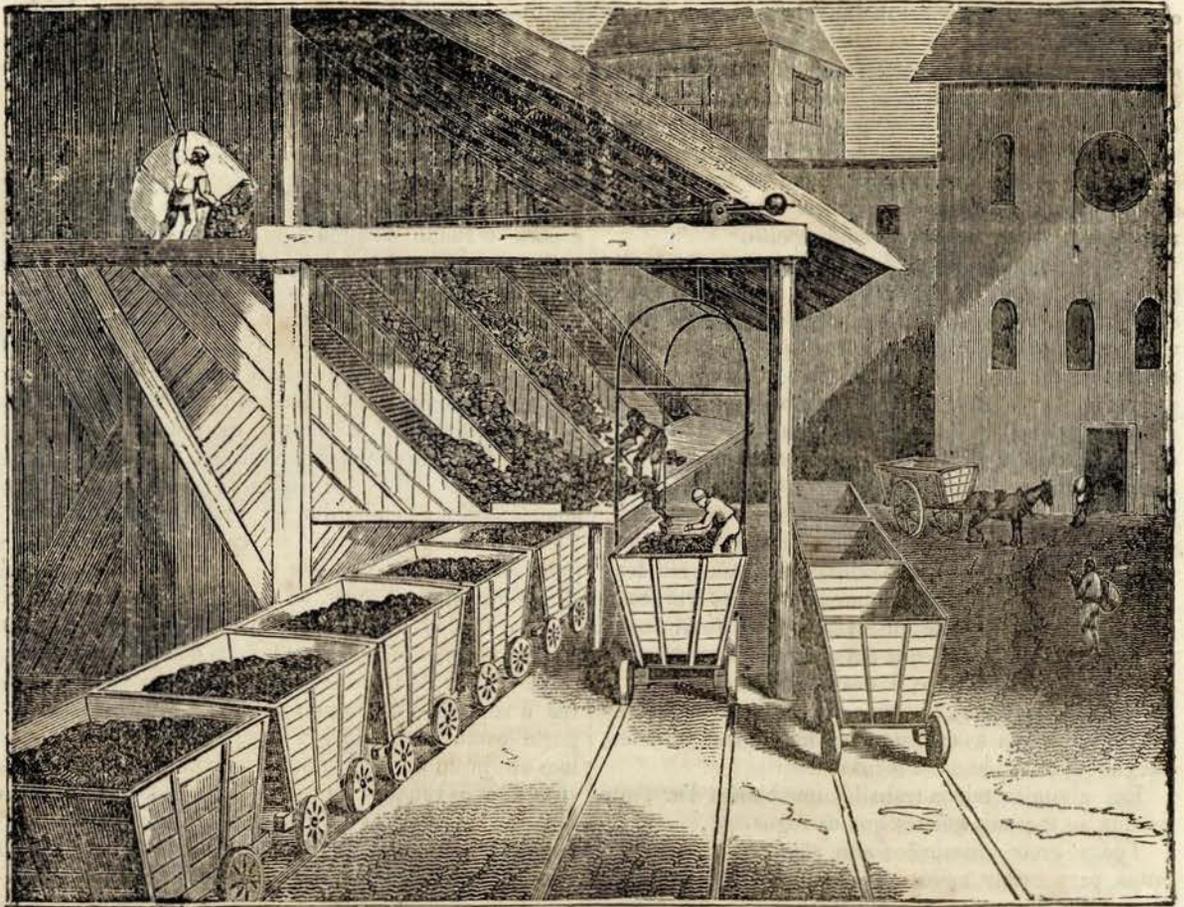
Os carris de ferro terminão em andaimes superiores á superficie das aguas em que os navios de transporte estão ancorados. A destinada embarcação colloca-se junto ao competente andaime, sobre o qual se achão os renques de carros carregados. Uma combinação d'alavancas, tão simples quão poderosa, suspende cada um destes carros com sua carga de 170 e tantas arrobas e um homem que sobre elles se assenta, e desce-o sobre a escotilha aberta do navio. Quando o carro chega a esta posição, o assistente solta-lhe uma aldrava, e seu fundo (que trabalha sobre gonzos) abre-se e despeja toda a carga no porão do navio. Terminada esta operação o carro, tornado mais leve, sobe instaneamente a collocar-se junto ao andaime ou lingoaeta. Tudo isto é effectuado, para assim dizer, por um contrapezo opposto ao carro — contrapêzo que é menos pezado que o carro e sua carga, e mais pezado que o carro sómente.

O outro modo é indicado na gravura que termina este artigo. O conteudo do carro despeja-se por seu fundo n'uma grande manga quadrangular de madeira, e vae cahir dentro do porão da embarcação. A velocidade do carvão em sua descida (ás vezes de 60 palmos) é quebrada por um alcapão na extremidade inferior da manga, onde se demora até que de cima se determina a queda delle no navio. Desta sorte não soffre este prejuizo algum.

O numero d'individuos que as carvoarias Inglesas emprégão, incluindo mineiros, marinheiros, carettores, etc. não se pôde avaliar em menos de 200,000; e o valor de cabedal nellas empregado em 100 milhões de cruzados nossos. Calculos, fundados em considerações estatisticas, avalião o consumo annual de carvão nas Ilhas Britanicas em 18 milhões de tonnellas Inglesas.

Um tão avultado consumo conduz mui naturalmente a pergunta: Por quanto tempo poderão as minas Inglesas offerecer carvão? Das indagações que a este respeito se tem instituído, conclue-se que, no Norte do paiz sómente, ha carvão para 400 annos; e que nos leitos de carvão do districto de Galles Austral ha carvão para 760 annos. Alem disto a Escocia e a Irlanda abundão em carvão; de sorte que todos os leitos reunidos poderão fornecer carvão durante os 3000 annos que se seguem.

O carvão encontra-se em muitos paizes da Europa; nos Estados Unidos da America do Norte; na India Oriental; e em varias outras partes.



N. 2. CRIVO INCLINADO E RENQUES DE CARROS DE CARVÃO.

A França apresenta carvão em 40 de seus departamentos; e tem 236 minas em effectivo trabalho, cuja extracção annual dá 10 milhões de Quintaes Metricos.

A Belgica tem muitas minas de carvão: nas vizinhanças de Mons, Liege, e Charleroi contão-se 350, cuja extracção annual é de 12 milhões de quintaes metricos, e que dão emprego a 20,000 trabalhadores.

Na Alemanha, e mais paizes do norte — na Hespanha e Sul da Europa ha tambem minas de carvão.

Em Portugal tem-se explorado minas de carvão ao pé da Figueira (Foz do Mondego) e nas vizinhanças de Vallongo, duas legoas distante do Porto. Nas primeiras ha já bastantes annos que se não trabalha. A julgarmos pelas magnificas galerias de entrada, construidas em pédra de cantaria e de tal elevação que uma carruagem podera por ellas descer — a julgarmos, dizemos, por tanta magnificencia e tal desperdicio, nunca tal mina fôra destinada senão para ruina, como outros tantos incompletos edificios que por ahi vemos em que a grandeza do plano é totalmente desproporcionada aos recursos que o devêrão realisar. Com effeito, a irrupção do mar, junto ao qual estão situadas estas minas, inutilisou-as em poucos annos. Ouvimos dizer que a actual companhia, denominada das Minas, trata ou de tornar a explorar estas mesmas vizinhanças ou outros logares não muito distantes.

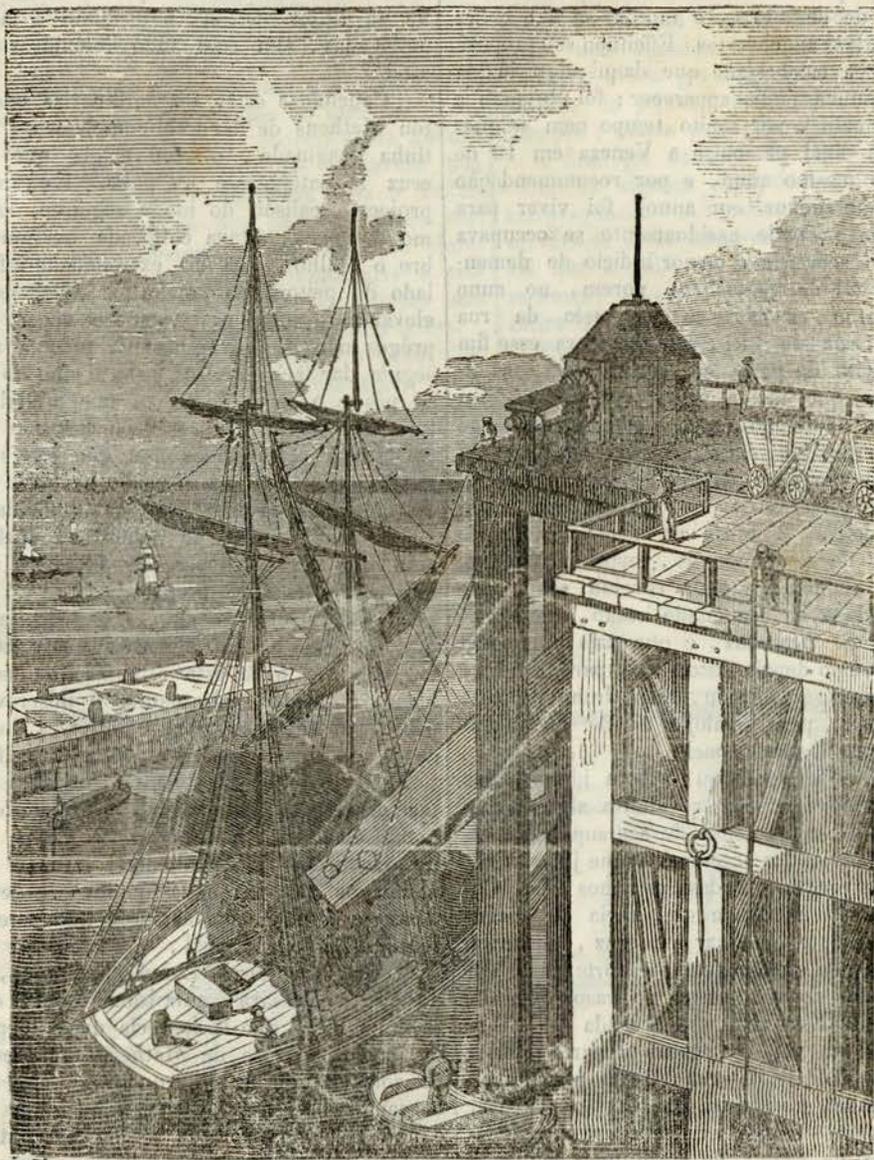
As outras minas de Vallongo, ou mais propriamente de S. Pedro da Cova (em cuja freguezia estão situadas) achão-se em effectivo trabalho; e, muito sentimos dizê-lo, com tal impericia e em tão pequena escala que é de deshonra á nação em geral, e ao governo em particular. (Fallamos do que vimos em 18 d'Abri! de 1838.) Ahi não presidem conhecimentos geologicos — porque a exploração é feita pratica e matcrialmente. Faz-se uma galéria inclinada até á veia que

se pretende trabalhar; esgotada esta até onde a sabem alcançar os mineiros, desempara-se, e em outro ponto onde se veem indicios de carvão, torna-se a praticar o mesmo; e deste modo se enche o terreno de entradas de minas, que não podem ser senão prejudiciaes a ultteriores explorações. Os meios mecanicos que se empregão e todo o systema de operações que ahi vimos, são da mais grosseira imperfeição. No meio d'um barranco vimos um tilheiro de colmo, debaixo do qual se achava a bôca da mina que então (e, disserão-nos, havia já 2 annos) se explorava. Debaixo deste tilheiro trabalhavão 4 homens a um cylindro, sobre o qual se enrolava a corda em cujas extremidades erão fixos os caixões em que se transmettia o carvão da mina á bôca da mesma. Estes caixões movião-se sobre rodas pelo fundo da galéria inclinada; continhão segundo nos disserão uma fangada das quaes 7 fazem uma carrada. O trabalho fazia-se com a lentidão tão caracteristica dos nossos trabalhos braças. Quando chegava acima um caixão, destacava um homem do cylindro, despejava o carvão em um carrinho de mão, e ia lança-lo no logar que um inspector presente lhe indicava. Ali estava ao ar todo o deposito do que sahia da mina; em tempo de chuva deve ser impracticavel o trabalho; pois tudo deve appresentar um grande lamaçal. Junto a estes depositos estavam dous homens munidos d'ensinhos, a chegar carvão para os carros que estavam a carregar: o encher a medida e despeja-las nos carros era trabalho do carreiro e seu rapaz se o tinha. Em fim vimos claramente o motivo porque ás vezes, é preciso tanta anticipação nas ordens que se dão para carvão aos agentes da Companhia. A mina tem alguma agua; a esta da-se escôo por canos lateraes: de sorte que não pôde a exploração ir abaixo de nivel tal que não dê sahida natural a estas aguas.

Accresce a tudo isto as pessimas estradas até ao Porto; e a lentidão dos nossos carros patriarchaes: mas aqui, na verdade tudo anda a par. Por isso na sorte de carvão inferior, o carretto em 2 legoas augmenta o preço do combustível 50 por cento.

Estas nossas observações não são dictadas por motivos sinistros; não temos outros desejos do que o vermos progressar entre nós as artes industriaes; e não podemos deixar de nos envergonharmos quando vímos taes

trabalhos de minas executados sob os auspícios de uma companhia formada d'homens illustrados, e nas vizinhanças de cidade tão industrial como o Porto; onde as excellentes propriedades do carvão de Val-longo são conhecidas, e onde, se mais abundante e mais barato fôra, dera sem duvida nascimento a novos ramos d'industria, ou ao aperfeiçoamento dos muitos que já temos.



NAVIO A RECEBER CARGA DE CARVÃO.

CRUCIFICAÇÃO PROPRIA.

A NARRAÇÃO que aqui apresentamos offerece um dos mais extraordinarios e deploraveis casos a que o mal dirigido fervor religioso tem dado causa.

Matheus Lovat nasceu na freguezia de Soldo, territorio de Belluno, em Italia. Seus paes erão indigentes, e se occupavão nos trabalhos mais grosseiros e penosos da lavoura, n'um local apartado de quasi toda a sociedade. O modo de vida suave e as circumstancias abastadas do parocho da freguezia e de seu cura, que erão os unicos individuos da mesma isentos de trabalho corporal, e que concentravão em si todo o poder e toda a importancia do humilde circulo em que Matheus vivia,

de tal sorte se lhe imprimirão na imaginação, que elle tentou preparar-se para o sacerdocio, e collocou-se sob a direcção do cura que lhe chegou a ensinar a lèr e escrever algum tanto. Mas a pobreza de sua familia veio oppôr-se a seus desejos, e abandonando o estudo para sempre, tratou Matheus do officio de sapateiro.

Mas a necessidade que o impelliu a este modo de vida, nunca pôde delle fazer um official hábil; ao mesmo tempo a vida sedentaria e aquella sujeição do silencio a que sua classe de aprendiz o obrigára, fizeram nelle arrear habitos de meditação e propensões sombrias e taciturnas. Ao adiantar-se para a idade mais adulta era pelas primaveras achado de vertigens, e incomodado com erupções de pelle, de natureza leprosa, que pelo rosto e pelas mãos lhe sahião.

Até ao mez de Julho de 1802 em nada mereceu attenção a vida de Matheus. Suas occupações erão regulares e uniformes; seus habitos simples; e nada o podéra extremar de seus semelhantes a não ser a devoção religiosa levada ao maior gráu. De nenhuma outra cousa fallava senão das cousas da Igreja. Suas festas e seus jejuns, os santos e os sermões, com outras cousas analogas, formavão os exclusivos assumptos de suas conversações. Por este tempo porem resolveu elle anniquilar em si a possibilidade de desvarios, e mutilar-se á maneira d'alguns primitivos anachoretas. Effeituou seu proposito, e tal foi a celebridade que daqui adquiriu que em parte nenhuma podia apparecer; foi obrigado a fechar-se em casa e por muito tempo nem se quer ir á missa. A final passou-se a Veneza em 13 de Novembro do mesmo anno, e por recommendação d'um seu irmão menor em annos foi viver para casa d'uma viuva, onde assiduamente se occupava em seu officio sem dar o menor indicio de demencia. No dia 21 de Setembro, porem, no anno seguinte, tentou crucificar-se no meio da rua chamada da Cruz de Biri, e tinha para esse fim arranjado o leito da cama em que dormia; mas algumas pessoas que ião a passar impedirão-o em seus designios, ao tempo em que elle cravava o pé esquerdo na cruz. A dona da casa em que até ali vivia teve por bem despedi-lo logo, pois receava que elle quizesse de novo realisar seus intentos em casa della. A todas as indagações que se quizerão fazer de seus motivos, guardou Matheus um obstinado silencio, e nada revelou senão que por uma vez disse ao seu citado irmão, que aquelle era dia de S. Matheus, e que mais não podia dizer. Pouco tempo depois disto partiu para a terra, onde algum tempo se demorou, e em Julho de 1805 voltou a Veneza, para se alojar no 3.º andar d'uma casa na rua Delle-Monache.

Aqui de novo se apoderou delle a idéa da sua crucificação; e todos os dias trabalhava alguma cousa na factura do instrumento de seu supplicio, assim como se porvia dos accessorios que julgava necessarios, como pregos, cordas, espinhos, &c. Como elle previa a difficuldade que havia de encontrar em firmemente se fixar na cruz, construiu uma rede de corda sufficientemente forte para soffrer todo o pezo de seu corpo no caso que elle cahisse da cruz. Esta rede era fechada pelo fundo, e, reunida em nó, era segura á parte inferior da hastea perpendicular da cruz, e um pouco abaixo do lugar onde, suspenso, lhe havião de ficar os pés. A parte superior era fixa ás extremidades dos braços da cruz; de sorte que seu todo mostrava a fórma d'uma bolsa d'algibeira. Do centro da abertura da rede procedia uma corda; e do ponto da reunião do braço da cruz com sua hastea principal procedia outra: estas duas cordas atou elle fortemente n'uma trave do quarto, pouco acima da janella, cujo peitoril era muito baixo; e tal comprimento deu ás cordas que sómente chegavão a deixar assentar a cruz horizontalmente no soalho.

Tendo terminado estes preparativos, despiu-se Matheus, e passou a coroar-se d'espinhos, dous ou tres dos quaes enterrou na pelle que cobre a testa. Depois, ciugiu-se d'um lenço branco, e passando as pernas por entre a rêde e a cruz, assentou-se para nella se fixar. Tomou então um dos pregos que destinára para as mãos e que tivéra o cuidado d'aguçar e alisar, e collocando a ponta na palma esquerda fê-lo sahir pelas costas da mão metade do comprimento do prego. Ajustou depois os pés ao travessão para esse fim collocado na has-

tea da cruz, e pondo o direito sobre o esquerdo atravessou-os com um prego de 5½ pollegadas que bateu com um martello até encrava-los firmemente á cruz. Na mão direita fixou outro prego do modo que tinha praticado com a esquerda; e tendo-se ligado com uma corda ao meio da cruz, tratou de ferir-se no lado com uma faca de seu officio, a qual dizia elle representava a lança da Paixão. Não lhe occorreu talvez que a ferida devia ser do lado direito e na cavidade do peito, e elle feriu-se abaixo da ultima costella, enterrando a faca umas duas pollegadas, sem com tudo damnificar parte alguma vital.

Concluidas estas extraordinarias operações, tratou Matheus de dar total complemento ao plano que tinha imaginado, o qual exigia que pendente da cruz se patenteasse ao povo. Esta parte do seu projecto realisou de modo seguinte. A cruz, como dissemos, estava collocada horizontalmente sobre o soalho, com sua extremidade inferior para o lado do peitoril da janella; e Matheus firmando e elevando-se sobre os dedos das mãos, (porque os prégos não lhe davão uso de toda a mão,) conseguiu dar taes impulsos para o alto do peitoril com os pés e o resto do corpo, que a final a cruz sahio pela janella fóra, e ficou suspensa para a parte da rua pelas cordas com que fóra segura á trave do quarto. Nesta situação estendeu o desgraçado fanatico suas mãos para as extremidades do braço da cruz, a fim de nellas introduzir os prégos com que tinha trespassado as mãos nos buracos que para elles tinha preparado; mas ou porque não pôde cabalmente executar o que desejava, ou porque lhe fosse a final necessario usar da mão direita, não lhe ficou esta estendida em seu destinado logar, e quando pela manhã o miseravel foi visto pelo povo que passava, a mão direita lhe ficava pendente ao longo do corpo, e pela parte de fóra da rede.

Erão oito horas da manhã; algumas pessoas humanas subirão logo acima, e tirando-o cuidadosamente da cruz, mettêrão-o na cama. Chamou-se um cirurgião da visinhança; o qual mandou lhe metter os pés em agua quente, e depois de lhe curar as feridas, que declarou não serem mortaes, receitou-lhe um cordial, e retirou-se.

O Dr. Ruggieri, Lente de Clinica, informado do que se passára, quiz tomar ocular conhecimento d'um factio que lhe parecia quasi incrível. Quando chegou á casa de Matheus ainda este se achava com os pés na agua quente — das feridas pouco sangue lhe vertia — tinha os olhos cerrados — e não respondia ao que se lhe perguntava; o pulso batia-lhe convulsivamente, e sua respiração era difficullosa. Obtida a licença do Director da Policia, que tinha vindo tomar auto do acontecido, foi o padecente removido em barco para a enfermaria da Eschola Clinica, denominada de S. João e de S. Lucas.

No transitio nada respondeu o doente ás lamentações de seu irmão, que o acompanhava e altamente exprimia sua dôr ao vê-lo victima de tal extravagancia, senão que lhe disse: *Ai de mim — que mal succedido tenho sido!* No Hospital forão suas feridas examinadas. Viu-se que os pregos lhe tinhão atravessado as mãos sem lhe fazerem dano aos ossos das mesmas; que da mesma sorte aquelle que lhe passára os dous pés pouco mal tinha feito aos ossos destes; e que finalmente a ferida do lado entrava lhe sem injuria vital na cavidade, chamada, o hypochondrio. Collocou-se o doente n'uma postura que o não incommodasse. Elle a tudo se prestou com tranquillidade e docili-

dade; e tratáram-se as feridas com emolientes e calmantes. No 5.º dia suppuráram com alguma inflamação ao redor; e no 8.º dia estava perfeitamente cicatrizada a do lado.

Mas o padecente, de per si, não fallava. Sempre melancolico e taciturno, conservava quasi sempre cerradas as palpebras; e quando alguma vez o interrogáram sobre os motivos que o induziram a crucificar-se, sua constante resposta era que *a soberba do homem devia ser abatida e expirar sobre a cruz*. O Dr. Ruggieri pensou que talvez a presença dos Estudantes que frequentavam o hospital, o retivesse em suas declarações, e por varias vezes procurou achar-se só com elle; mas nenhuma outra resposta pôde obter. Com effeito, tão preocupado se achava Matheus com a idéa de que por Deus lhe era imposta a obrigação de morrer sobre a cruz, que antes de tentar seu supplicio escreveu a sua resolução n'um papel que destinára para o Tribunal de Justiça, a fim de que não recahissem suspeitas sobre outra pessoa, e que se visse claramente que sua crucificação fôra voluntaria e propria. Mas o alinhavo e estylo de seu escripto bem mostravam a confusão e desordem de suas idéas.

Apenas pôde elle soffrer nas mãos o pezo d'um livro d'orações, que nelle se deu a lér desde a manhã até á noute. No 1.º d'Agosto achava-se totalmente curado das feridas, e como não sentia incommodo algum nas mãos ou nos pés quiz sahir do hospital, para que, dizia elle, não comesse o pão da ociosidade. Negou-se-lhe a licença de as-

sin fazer, e elle passou um dia inteiro sem comer, terminado o qual e achando que lhe tinham occultado a roupa de vestir, quiz sahir do hospital em camisa. Por ordem do Director da Policia, foi removido para o Asylo Lunatico de S. Servolo, onde entrou em 20 d'Agosto de 1805. Passados os primeiros oito dias tornou-se mais taciturno e recusou comer e beber. Durante seis successivos dias foi impossivel obriga-lo a engulir uma gota d'agua; mas na manhã do setimo dia, cedendo ás importunações d'outro lunatico, consentiu em tomar alguma cousa. Continuou a comer pelo espaço de 15 dias, quando tornou a recusar a comida: este segundo jejum durou 41 dias.

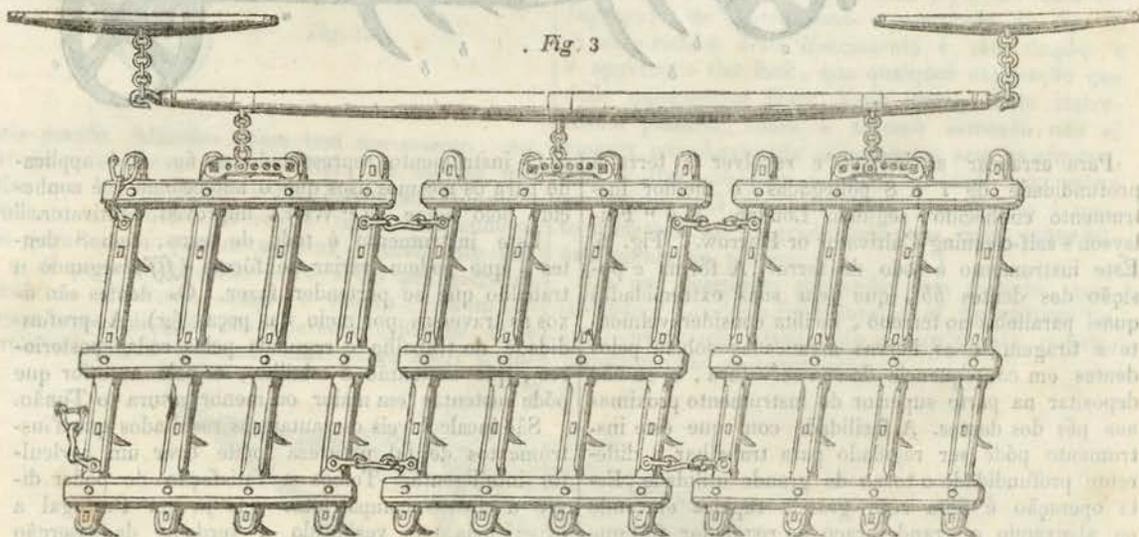
Assim viveu por algum tempo neste systema alternado de jejuns; sendo estes de maior e menor duração; nunca passavam com tudo de 12 dias.

A final em Janeiro de 1806 começou-se a perceber-lhe signaes de pthistica; mas continuava sua extravagancia. A's vezes punha-se ao sol, e conservava-se nelle immovel durante um dia inteiro; até que a pelle da cara começou-lhe a cahir em escamas, e era necessario empregar a força para retirar-lo para a sombra.

Em Abril forão os progressos da pthistica muito rapidos; no dia 8, depois d'algumas convulsões, expirou.

Taes forão os infelizes resultados d'um mal entendido sentimento de religião, exacerbado por uma imaginação melancolica, entregue a suas proprias elaborações.

[Do *Mirror*.]



AGRICULTURA.

II.

Grades &c.

A GRADE é um instrumento tão antigo como o arado; tem porem sido de tal maneira aperfeiçoada, na Alemanha, Inglaterra, e França, que tem dado origem a uma nova classe d'instrumentos, taes como os Cultivadores, Escarificadores &c. &c.

Os usos originaes da grade parecem ser tres; pulverisar ou desfazer os torrões nos campos lavrados; arrancar aservas e raizes; e cubrir as sementes e aplanar os campos depois de semeados.

Entre nós a grade ordinaria serve para estes tres fins; usando d'ella já com dentes de pau, já com dentes de ferro; e outras vezes de costas. O resultado desta mal entendida economia é a imperfeição do trabalho. Em França e Inglaterra a grade tem differentes fórmass segundo as differentes applicações que se lhe querem dar.

Para pulverisar as terras já lavradas servem-se ordinariamente d'um instrumento um pouco semelhante ás nossas grades ordinarias; differindo porem destas em não serem rectangulares mas sim rhomboïdaes, e não serem puchadas em uma direcção parallela aos lados, mas sim parallela ás diagonaes. Costumão estes instrumentos ser de pau, a excepção dos dentes, que sempre são de ferro; algumas vezes porem todo o instrumento é de ferro.

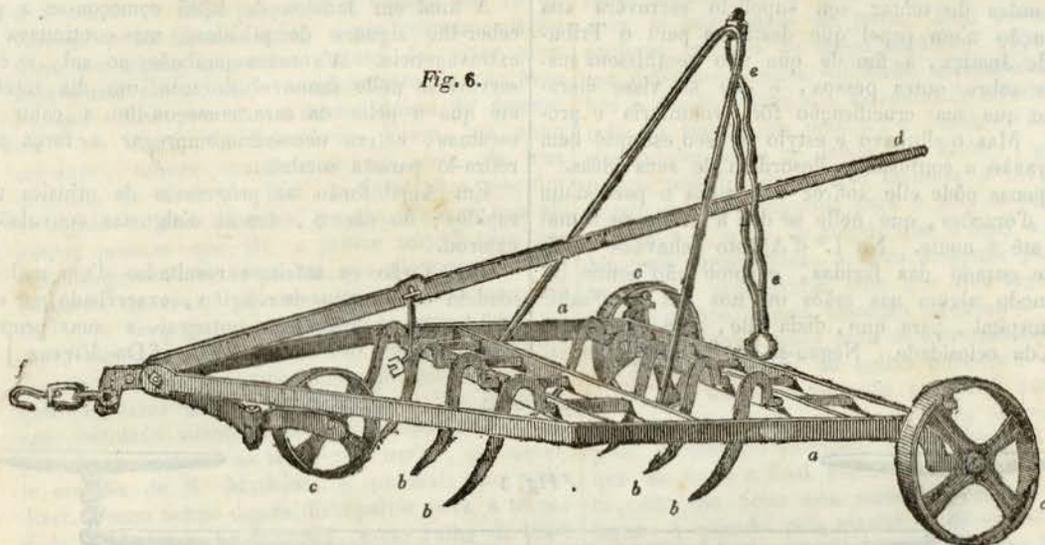
A fig. 3.^a representa um instrumento d'esta natureza; o desenho é um pouco inexacto, não só em quanto ás proporções das partes que compõe o instrumento, mas ainda mesmo em quanto á disposição destas mesmas partes; é porem bastante para se fazer idéa do instrumento que vamos descrever.

O instrumento desta natureza mais aperfeiçoado, segundo London, é o "Berwickshire Harrow" Elle é composto de duas ou tres grades ligadas a uma grande travessa onde pegao os tirantes; e estas grades unidas entre si por ganchos ou travessas de ferro. Cada uma destas grades é composta de 4 travessas de pau, ligadas por outras 4 travessas mais pequenas. As primeiras podem ter $2\frac{1}{2}$ pollegadas de grossura, e 3 de largura; e as segundas, 2 de largura, e 1 de grossura. As travessas não são

ligadas umas ás outras em angulo recto como entre nós se pratica, mas sim fazendo alguma inclinação as primeiras com as segundas. A inclinação das travessas deve ser tal, que as perpendiculares abaixadas dos dentes sobre uma linha, perpendicular á direcção da grade, a dividão em partes iguaes; que devem ser tantas quantos são os dentes menos um; para que não haja dente que passe por um rego aberto já por outro dente.

As grades construidas debaixo destes principios tem alem d'outras vantagens, as duas seguintes: vencerem com muita mais facilidade os obstaculos que podem encontrar; e fender o terreno em regos muitissimo proximos, sem serem embaraçados com a felga, em consequencia da grande distancia que os dentes conservão entre si.

Fig. 6.



Para arrancar as hervas e revolver a terra á profundidade de 7 a 8 pollegadas, o melhor instrumento conhecido, segundo London, é o "Finlayson's self-cleaning Cultivator or Harrow." Fig. 6. Este instrumento é todo de ferro. A forma e posição dos dentes *bb*, que tem suas extremidades quasi parallelas ao terreno, facilita consideravelmente a tiragem, e as hervas arrancadas sobem pelos dentes em consequencia da sua curvatura, e se vão depositar na parte superior do instrumento proximas aos pés dos dentes. A facilidade com que este instrumento pôde ser regulado para trabalhar a differente profundidade o torna de grande utilidade. Esta operação é feita com grande rapidez elevando ou abaixando o grande braço ou regulador (*d*) que joga dentro d'uma mola lateral (*ee*). Esta mola serve para segurar em differentes alturas o regulador. Cada intervallo corresponde a $1\frac{1}{2}$ pollegada nos dentes. Quando o regulador existe no ultimo intervallo superior, os dentes entrão na terra á profundidade de 8 a 9 pollegadas; ao passo que o regulador desce um intervallo, os dentes sobem $1\frac{1}{2}$ pollegada; de maneira que quando o regulador está no ultimo inferior os dentes ficão fóra da terra em distancia de 2 a 3 pollegadas. Nesta posição a roda (*c*) ficando com livre movimento por baixo dos lados (*aa*) do caixilho, dá ao instrumento a faculdade de se voltar para todos os lados. Os eixos das rodas podem ser elevados ou abaixados por meio de parafusos, o que serve tambem para regular a profundidade do trabalho.

Este instrumento foi experimentado pela primeira vez em Londres no Hyde Park em 1826.

O instrumento representado na fig. 5 é applicado para os mesmos usos que o antecedente: é conhecido pelo nome de "Weir's improved Cultivator."

Este instrumento é todo de ferro; tem 8 dentes, que podem variar de forma (*fff*) segundo o trabalho que se pertender fazer. Os dentes são fixos ás travessas por meio das peças (*g*). A profundidade do trabalho é regulada pelas rodas posteriores, que sustentão o caixilho, e pela anterior que pôde sustentar em maior ou menor altura o Timão.

São incalculaveis os vantajosos resultados que d'instrumentos de tal natureza pôde tirar um agricultor intelligente. Temos a satisfação de poder dizer a nossos compatriotas que já em Portugal a experiencia tem verificado a verdade da asserção que acabamos de fazer.

Não ha muito tempo que para entre nós foi transportado um instrumento conhecido em França, por "Herse Bataille ou Herse Tricycle" o qual sendo differente na sua construcção dos dous anteriormente descriptos, lhes é com tudo semelhante nos resultados. Nós o temos visto fazer as vezes de grade ordinaria, sendo porem o seu effeito incomparavelmente mais energico; substituir o arado commum abrindo de cada vez 11 regos; servir d'ensinho, juntando a felga dos campos ou o feno cortado; abrir os regos para semear em linha batatas e favas, &c. e mesmo milho, e sachar depois estas mesmas sementeiras, passando com os dentes pelo intervallo das linhas semeadas.

Em todos estes casos e muitos outros em que estes instrumentos são applicaveis, se obtem a perfeição do trabalho reunida com a economia do tempo e despeza.

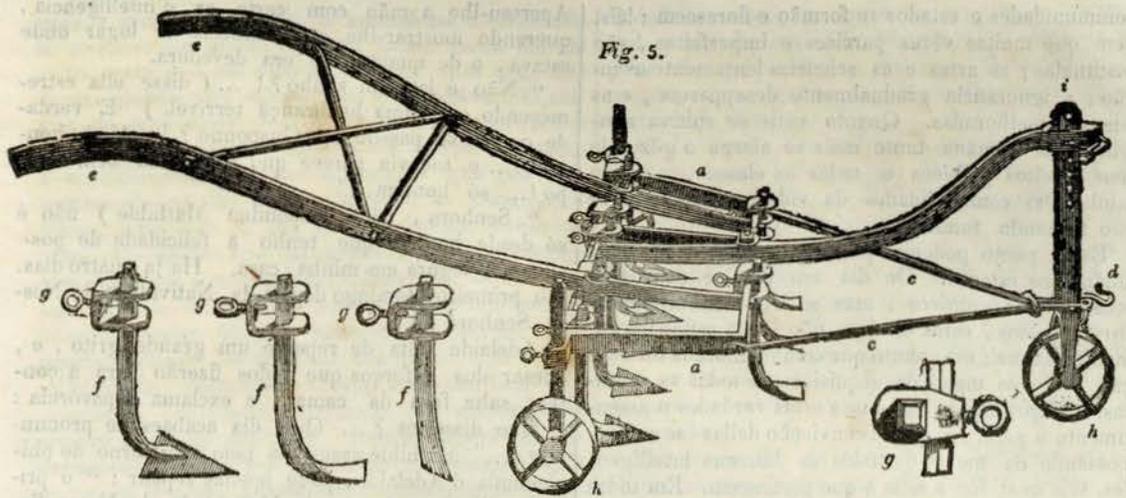


Fig. 5.

Para aplanar a terra costumão em Inglaterra e França servirem-se d'um instrumento semelhante ao representado na Fig. 7. Este consiste em um rolo de pau, pedra ou ferro, com dois varaes: em cima destes varaes costumão fixar uma caixa de pau ou de ferro onde deitão pedras para tornar o rolo

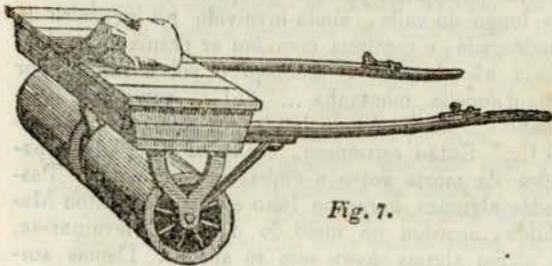


Fig. 7.

mais pesado. Algumas vezes tem um assento, onde vae o conductor dos cavallos, da mesma maneira que na almofada d'uma carruagem. O comprimento e diametro do rolo é variavel segundo os fins para que o querem applicar: geralmente tem 5 a 6 pés de comprimento e 15 a 30 pollegadas de diametro. Elle nem sempre é inteiro, porém algumas vezes é dividido em diferentes cylindros, mais curtos. O rolo é applicado umas vezes sobre o ter-

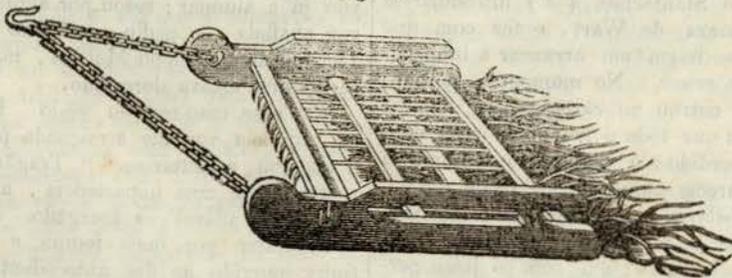
reno depois de lavrado, e gradado para o aplanar e enterrar os torrões e pequenas pedras que existem na superficie, outras no terreno depois de semeado para comprimir a terra contra a semente. Nós o vimos muitas vezes applicar sobre as sementeiras já nascidas de trigo, aveia &c. &c. Elle se applica tambem algumas vezes sobre o terreno por lavrar para o tornar mais firme.

Este instrumento inutil á primeira vista é de grande utilidade por muitos motivos; e de absoluta necessidade para quem quizer fazer uso da grande fouce ou gadanho no corte das sementeiras, hervas &c.

Para cubrir as sementes usão algumas vezes em Inglaterra do instrumento representado na fig. 4. A construcção deste instrumento é tão simples e a applicação tão facil, que qualquer explicação que delle quizessemos fazer seria inutil. Este instrumento passando sobre o terreno semeado não só enterra completamente as sementes sem as ajuntar, mas desfaz qualquer pequena cavidade que exista no terreno. O uso pois deste instrumento é muito preferivel ao da grade de costas como entre nós usualmente se pratica.

Os que desejarem profundar esta materia, consultando "Loudon's Encyclopedía of Agriculture" p. 403, encontrarão talvez tudo quanto a este respeito presentemente se possa obter.

Fig. 4.



VANTAGENS DA INSTRUCÇÃO.

PERGUNTAR-SE-HA, quaes sejam os beneficios que resultão ao homem da Instrucção? A resposta está escripta em linguagem que não erra — na Historia do mundo.

Revertei vossa vista ao homem no estado selvagem; vé-lo-heis luctando com difficuldades para assegurar sua existencia, — a prêza das feras, — o ludibrio dos elementos — sem forças e sem defêza. Vêde-o melhorando a terra pela cultura; melhorando a mesma cultura pelo uso de instrumen-

tos formados do metal que elle extrahê da terra; e notae como as feras do deserto desaparecem perante sua industria — como as doenças do paúl e ar miasmatico cada vèz se tornão menos frequentes. Vê-lo-heis mais bem nutrido, mais bem agasalhado, mais bem vestido. Se por ventura elle ainda se dedicar á guerra, será em defêza de seus bens, ou porque seus conhecimentos são ainda limitados, e nem elle nem seus visinhos ainda sabem o verdadeiro objecto da vida. Da mesma causa nasce seu luxo e todos os seus consequentes males: a pompa do triumpho se segue á conquista; o ocio e a indolencia se seguem ao esforço. Mas

comunidades e estados se formão e florescem ; leis, bem que muitas vèzes parciais e imperfeitas, são instituidas ; as artes e as sciencias lentamente avançam ; a ignorancia gradualmente desaparece, e as leis são melhoradas. Quanto mais se cultiva a intelligencia humana tanto mais se alarga o gôzo de seus direitos politicos a todas as classes, a quem tambem as commodidades da vida gradualmente se vão tornando familiares.

Deste ponto podemos passar em revista aos mais adiantados estados. De dia em dia se expandem seus direitos politicos ; mas se seus conhecimentos forem curtos, estes direitos não serão senão instrumentos de mal ; em quanto que com melhorada instrução serão os meios da aquisição de todas as venturas. E' gostoso de ver que a estas verdades o assentimento é geral ; e que a convicção dellas se vai appossando da mente de todos os homens intelligentes, seja qual fór a seita a que pertencem. Em todas as publicações periodicas d'hoje em dia, embora sejam diversas suas bandeiras politicas, advogão-se principios acertados da via social : raia a alva d'um dia mais sereno. Nos paizes mais civilizados e cujas formas de governo estão solidamente assentes, vemos nós o mesmo clero, que sendo sempre os principaes instructores do povo tem muitas vèzes duvidado da utilidade da divulgação da instrução alem da aristocracia das nações, já reconhecem suas vantagens, e repudião a falsa e maliciosa asserção que a cultura da alma é inseparavelmente associada ao crime. Todos hoje parecem concordar em que não é saber lêr que é util ou prejudicial, mas sim que sómente o pôde ser aquillo que se lê.

HISTORIA DA SUISSA.

Adelaide de Sargans, Baroneza de Wart.

(Concluido do Num.º 1)

III.

Abandonada, e esquecida, pereceria a infeliz Adelaide no fundo de seu medonho calabouço ; se na sua extrema desventura não fosse socorrida por suas amigas de Frontigue. A' força de seduções conseguiu Mathilde Stanfacher (8) introduzir-se na prisão da Baroneza de Wart, e fez com que seus guardas consentissem em arrancar a innocencia da morada do crime. No momento, porem, em que Mathilde entrou no carcere para libertar sua amiga, pensou que todo o fructo de suas delicias se tinha perdido : o corpo frio e immovel d'Adelaide mais parecia um cadaver do que um objecto animado. Todavia os cuidados e as lagrimas da amizade reanimarão a existencia do lacerado coração d'esta infeliz senhora ; que com o juizo perdido, e como uma insensata acompanhou Mathilde ao hospitaleiro valle de Frontigue.

Por espaço de trez dias foi o estado d'Adelaide como um precursor da morte ; um primeiro adeus ao mundo. Mergulhada no mais profundo lethargo, nem os adorados nomes de seu esposo e filho conseguirão desperta-la. Sua existencia estava, por assim dizer, interrompida. No quarto dia porem acordou repentinamente, levantou-se sobre o leito e com a voz quasi extincta chamou por Mathilde.

(8) Mulher do celebre Stanfacher, que com Melchtal, Walther, Furst e Guilberme Tell, libertarão a Suissa.

Apertou-lhe a mão com certo ar d'intelligencia, querendo mostrar-lhe que conhecia o lugar onde estava, e de quanto lhe era devedora.

" Não é isto um sonho ?! ... (disse ella estrelecendo com uma lembrança terrivel.) E' verdade quanto se passou em Ousponne ?! Ainda hontem !... e todavia parece que foi já ha bem tempo !... só hontem... "

" Senhora, (lhe respondeu Mathilde) não é só desde hontem que tenho a felicidade de possuir-vos segura em minha casa. Ha ja quatro dias. No primeiro domingo depois da Natividade de Nossa Senhora, e ... "

Adelaide solta de repente um grande grito, e, apesar dos esforços que todos fizeram para a conter, salta fora da cama, e exclama espavorida : " Que dissestes ? ... Que dia acabaes de pronunciar ?... " Mathilde assustada pelo transtorno de phisionomia d'Adelaide, pôde apenas repetir : " o primeiro domingo depois da Natividade de Nossa Senhora. "

" O' meu Deus ! (prosegue Adelaide com uma pungente voz) ... Depois da Natividade de Nossa Senhora !... (9) Rodolpho ! O' meu Rodolpho !... " Dito isto, levanta as mãos para o céu, e depois de resar muito tempo com grande fervor, ergue-se, vae á pequena janella do quarto, olha por ella ao longo do valle, ainda envolvido no nevoeiro da madrugada, e continua com um ar pasmado : " Ah ! ainda não é tarde ! Começa o sol a surgir por traz d'aquella montanha ... Ai ! ... como vem vermelho !... O dia d'hoje ha-de ser bem sanguinolento !... " Então estremece, fecha os olhos, e a palidez da morte volve a embaciar seu rosto. Passadas algumas horas no leito em que a deitou Mathilde, acordou no meio do dia, quiz levantar-se, e andou alguns passos sem se apegar. Depois sorriu-se ; — e este sorriso de dous labios palidos de soffrimento, e mirrados pelo calor da febre, acompanhado por um olhar de desesperação ; — este sorriso tinha uma expressão medonha.

" Oh ! (disse ella a Mathilde) eu agora estou boa. Trazei-me meu filho. Quero abraça-lo ao menos uma vez antes que o abandone... porque... sim... quero ir ver seu pae... Meu filho !... Mas, como abandona-lo ainda tão pequeno ?... Comtudo ... Ah ! Rodolpho ! Rodolpho " E cahindo de joelhos ao pé da janella aberta, que os raios do sol começavam já a alumiar ; resou por alguns momentos com voz abafada, e pediu seu filho pela terceira vez. Hesitou algum tempo Mathilde, mas finalmente disse-lhe que estava dormindo.

" N'esse caso irei vê-lo " E indo a levantar-se, foi sua vontade atraçoada pela fraqueza, que a obrigou a sentar-se. " Tragão-me meu filho " repetiu com uma impaciencia, alheia até então a seu genio affavel, e socegado. Mathilde não pôde dissimular por mais tempo e confessou-lhe que tinha morrido no dia antecedente...

" Morreu ?.. Morreu ?... O meu filho ?... " E uma expressão impossivel de pintar ; porem terrivel ; patenteava sobejamente a laceração de sua alma. " Então !? Morreu ?! Meu pobre Rodolphinho ! (depois continuava com ar de quem queria consolar-se.) Está no céu ! E' um anjo ! Deus sempre faz o que é melhor... Porem, eu queria vê-lo. "

Não quiz Mathilde negar a satisfação d'este de-

(9) Tinha a Rainha dito a Adelaide, que este seria o dia do supplicio de seu marido ; circumstancia ignorada de Mathilde.

sejo a uma mãe infeliz, e apresentou a Adelaide o pequeno Rodolpho. Estava palido como marfim e as rosas que em vida adornavam suas redondas faces, tinham sido substituídas por violetas. O sorriso da innocencia residia ainda nos seus labios descorados. Adelaide tomou-o nos braços; apertou-o convulsivamente contra o coração que por momentos deixou de bater; beijou-o na testa, nos olhos, e na boca — que já baluciava o nome de mãe. O gelido frio da morte a fez estremecer com violencia; porem seus olhos não derramaram lagrimas; e entregando com affectada indifferença o seu primeiro filho a Mathilde, disse-lhe que queria deitar-se, e mostrou desejos de ficar só.

Mathilde desconfiada d'esta dor silenciosa não annui á vontade da Baroneza, e conservou-se sempre junto de seu leito. Porem faltarão-lhe finalmente as forças, e depois de ter resistido todo o dia ao somno, adormeceu profundamente ás onze horas da noite. Adelaide, que ansiosamente esperava este momento; apenas viu Mathilde adormecida, levantou-se, vestiu cautelosamente os primeiros vestidos que encontrou, e voou em procura da outra parte de si mesma, cuja voz a chamava incessantemente.

Receosa de que a surpreendessem, correu Adelaide quanto pôde para se afastar da casa da sua amiga; e custa a acreditar que uma mulher joven, delicada, fraca, e ha tanto tempo doente, tivesse forças sufficientes para correr por pedregosos atalhos, e quasi selvaticos desertos, onde só o instinto de sua alma podia servir-lhe de guia. Encontrando a cada passo lugares, em que com o seu Rodolpho, passára momentos de ternura; parava, e gritando, seguia depois sua carreira insensata.

Suspende de repente seus passos como para se lembrar de certo nome, e batendo com as mãos uma na outra, estende o braço direito para o norte, e corre para este lado com a velocidade do raio, sem que as correntes, os caminhos pedregosos, e as sebes espinhozas fossem capazes de suspender sua carreira. Os sapatos feitos em pedaços ja nada resguardavam seus mimosos pés, que todos ensanguentados corrião com a mesma ligeireza. Alguns aldeões, que ao romper do dia caminhavam para o seu trabalho, forão acometidos d'um terror religioso vendo esta bella figura passar rapidamente como um raio luminoso; porem ella nada via, e seguindo a voz que a chamava, continuava seu caminho sem parar.

Começava o sol a durar as altas torres de Basilea, quando Adelaide chegou diante de seus muros. Entrou na cidade pedindo a todos o seu Rodolpho. Uns olhavam-na com piedade; outros, evitando-a, pronunciavam com horror o nome do regicida. Assim vagou a desgraçada pelas ruas de Basilea, a esta hora quasi desertas, quando um aparelho extraordinario, levantado no meio d'uma praça, e cercado por uma multidão silenciosa, fixou sua vista. Ouviu gritos, e gemidos de morte. Reconheceu logo a voz que os soltava, e no mesmo instante a fadiga, e desesperação fizeram lugar á alegria de encontrar o bem amado. Arremessa-se sobre a multidão, derruba com invencivel força tudo quanto lhe estorva o caminho, e vae cahir de joelhos junto do mutilado corpo do seu Rodolpho, que, preso na roda desde o dia antecedente, regava á terra com o seu sangue. (10)

(10) Todas as historias contemporaneas fallão dos soffimentos do desgraçado Barão de Wart. Tenho lido em algumas chronicas que seus tormentos durarão trez dias inteiros, e que no ultimo foi assistido por sua mulher Adelaide de Sargans, que morreu poucas horas depois mesmo em Basilea.

O infeliz mesmo no meio dos tormentos reconheceu a voz da sua Adelaide, mas foi de balde que para ella quiz voltar a cabeça. Seus deslocados membros não podião seguir as impressões de seu muribundo coração.

Oh! Quanto não soffreu Adelaide com tão horrivel espetaculo! Porem sem chorar, passou as ultimas horas da agonia de Rodolpho, de joelhos ao pé do ensanguentado cavalete em que jazia seu esposo; fallando-lhe só no perdão de Deus, na sua infinita misericordia; e humedecendo com agua sua boca abrazada. Parecia um anjo descido do céu; um emissario do Omnipotente. E era tal a sua sublimidade neste piedoso exercicio, que os mesmos carrascos se compadecerão da sua victima, e da mulher extraordinaria, que contemplarão com admiração.

Foi só no fim da tarde que Rodolpho exalou o ultimo suspiro. Logo que elle expirou, pegou Adelaide no crucifixo para ella santificado pelo sangue da victima, e depois de dar o ultimo beijo nos labios ja frios do seu esposo, retirou-se a cumprir a sua ultima vontade.

Caminhava vacillante a infeliz. As feridas dos pés não tinham sido curadas, e havia seis dias que seu estomago não recebera alimento. A noite lhe occultava o caminho que seguia. A lua ofuscada pelas nuvens derramava sobre todos os objectos uma luz baça, incerta, e misteriosa; e Adelaide quasi de rastos conseguiu andar uma legua, que a separava do lugar onde queria ir. Suas forças diminuíão todos os momentos, e finalmente cahiu desfalecida junto d'uma cruz. Seus braços cingirão o signal da redempção, em que tinha encostado a cabeça, sorrindo-se para a morte que hia reuni-la a Rodolpho. De repente o som d'um sino, e canticos religiosos chegarão a seus ouvidos. "E' aqui (diz ella). Ainda um esforço! Cumpra-se a vontade de Rodolpho." Esta lembrança reanimou um pouco suas forças, e arrastou-se até á porta principal do mosteiro de Sancta Plectrudes, de que era Abbadessa uma irmã de Rodolpho, que expirando disséra a sua esposa. "Eu te lego a consolação da sua dor, e te deixo a ella."

Apenas a rodeira abriu a porta cahiu Adelaide por terra; e a Abbadessa vindo para receber uma peregrina afflita, encontrou sua irmã a expirar.

"Isabel (lhe diz Adelaide vendo-a); trago-te as ultimas palavras de teu irmão... matarão-o, minha irmã... assassinarão-no!... e eu... vou-me juntar a elle... Adeus... oráe por mim." E esta martyr d'amor sancto e sublime passou a gozar na eternidade o premio das virtudes que praticara n'esta vida.

Chegarão pouco tempo depois ao mosteiro deputados da Rainha d'Hungria a pedir o corpo da Baroneza de Wart, a quem Ignés queria levantar um monumento na igreja do mosteiro de Konilgsfelden; porem a irmã de Rodolpho, conduzindo-os á igreja do convento, disse-lhe; "Eu sou irmã do Barão de Wart. Julgae agora se obedecerei ás ordens da Rainha? Quanto ao monumento que quereis levantar-lhe; sua gloria não o precisa. Eu levantei-lhe um que lhe basta". E chamando a attenção dos deputados para o côro, mostrou-lhes uma pedra simples, onde estavam gravadas as seguintes palavras:

Adelaide de Sargans.
Baronesa de Wart.

(Traduzido do Francéz)

ANECDOTAS DE TALLEYRAND.

ESTANDO uma vez M.^{me} Stael a jogar com alguns amigos a um jogo chamado *a barca*, perguntou a Talleyrand a quem salvaria antes, a ella ou a M.^{me} de Grand? Esta pergunta era muito melindrosa, porque foi feita na occasião em que a paixão de Talleyrand por M.^{me} Stael começava a declinar, e elle principiava a apaixonar-se pela outra, que era uma pessoa bem differente. "Vós, senhora, respondeu elle, sois dotada de tanto talento que podeis sair felizmente de qualquer mão passo; por conseguinte eu salvaria a M.^{me} de Grand." E' preciso confessar que não se podia dizer com mais graça uma cousa tão pouco agradável.

Não se pôde conceber porque Talleyrand foi escolhido para mulher uma senhora, que posto fosse lindissima como um anjo, era muitissimo ignorante. Entre as anedotas que se contão d'ella escolheremos a seguinte.

Disse Talleyrand um dia a sua mulher, que havendo convidado a jantar a M. Denon seria bom que lesse as viagens no Egypto escriptas por elle, a fim de poder dizer ao autor alguma cousa lisonjeira. Ella prometeu seguir os seus conselhos, e o marido mandou-lhe o livro. Veio Mr. Denon, e ao jantar foi posto á direita de M.^{me} Talleyrand. Desejosa de seguir as instrucções do seu marido, começou a manifestar o prazer que sentira com a leitura das suas bellas descripções. Os elogios e os encomios ao talento do autor erão os mais extremados. "Não observei mais que uma falta." — "Posso saber qual é essa, minha Senhora?" perguntou Mr. Denon. E' pena que o bom *Sexta feira* entre tão tarde na scena. E' tão interessante que desejaria o tê-lo conhecido antes." A confusão e o assombro de Mr. Denon não é facil d'explicar. Viu-se sem saber o que havia de responder.

O caso era, que n'aquelle mesmo dia um individuo da familia tinha deixado no gabinete da princesa um exemplar das Aventuras de Robinson Crusoe; e ella leu esta obra persuadida que era do Sr. Denon.

Elogiando n'uma occasião a belleza da marquezia de Luchesini, a mulher do embaixador prussiano, na presença de Talleyrand, disse elle immediatamente: "Nós temos mais bellos modelos na nossa guarda consular." Esta observação pareceu tão exacta, que desde aquelle momento já se não fallou mais com admiração da belleza colossal Prussiana.

O CAPITÃO BGLISH.

No N.º 8 do Museu pagina 126, referindo como foi povoada a *Ilha de Pitcairn* dissemos que o capitão Blish (então tenente) era homem ao parecer de mau genio e imprudente. Quando escrevemos aquelle artigo não sabiamos que Blish, depois de ter chegado a Inglaterra fora nomeado em 1806 governador da Colonia da Nova Gales do Sul. Tendo chegado ás nossas mãos a obra sobre as colonias Inglezas por Montgomerly Martim, deparamos no Volume II o seguinte acerca d'aquelle homem, causa principal dos acontecimentos desastrosos em Pitcairn de que estão ao facto nossos leitores.

"O capitão Blish, cujo nome passará á posteridade com o ferrete da infamia, pelo modo tyra-

nico com que tratou a Christiano e aos seus companheiros no navio *Bounty*, quando foi mandado para levar a arvore do pão das illas do mar do Sul ás Indias Occidentaes, foi nomeado para succeder no governo ao capitão King. O seu comportamento com Christiano era motivo bastante para não ser mandado a governar uma colonia como a da Nova Gales Meridional, por grandes que fossem os seus conhecimentos como official de marinha, que indubitavelmente erão como o manifestou na navegação que teve que fazer n'um barco aberto no meio do oceano ao norte da costa da Nova Holanda e chegando a Timor. Um homem que não sabia governar a gente d'um pequeno navio, nunca deveria ser revestido do poder arbitrario na Nova Gales Meridional.

"O capitão Blish se enganou em supôr que tinha que tratar unicamente com criminosos de almas abjectas; como todos os tyranos, no momento em que era contradecido, parecia perder a astúcia instinctiva da sua raça; e a serie de injustas perseguições dirigidas em particular contra M. MacArthur (aquem a Nova Gales deve sua presente prosperidade), foi a causa de que os colonos, os officiaes e a tropa de Sydney o depusessem do commando depois de ter sido Governador 18 mezes. O capitão Blish, como a maior parte dos homens de genio despotico, não possuia muito valor moral. Quando os soldados forão á casa do Governador com os seus officiaes á testa d'elles andarão em procura de Blish por toda a casa, até que a final o acharão escondido detraz d'uma cama. A sua pessoa, e quanto lhe pertencia, foi protegida, e passado algum tempo embarcou para Europa a bordo da corveta de guerra *Porpoise*".

Isto que fica dito estava composto em typo quando nos emprestarão a segunda edição da *Relação historica e estatistica da Nova Gales do Sul* publicada por Mr. Lang em Londres em 1837 em dous volumes. Tivemos a maior satisfação em ler o capitulo IV do vol. I, que occupa 64 paginas, dedicado a descrever a administração do capitão Blish como governador da Nova Gales Meridional; e a nossa imparcialidade pede que digamos, que, na nossa opinião, o Author da obra consegue justificar completamente o procedimento d'aquelle governador.

As vigorosas medidas que Blish adoptara em consequencia das instrucções que recebêra em Londres do ministro das colonias, merecerão a approvação do seu governo. Estas medidas atacavão directamente os interesses d'uma classe poderosa de individuos que se enriquecia com a embriaguez da colonia; pois não podião vender a costumada quantidade de rhom de Bengala, de tabaco do Brazil, de assucar de Siam, de cha de Hyson, ou os generos manufacturados Inglezes pelos *costumados altos preços*; em somma, tratava-se de abolir o monopolio militar. A agua ardente, o rhom, a ginebra erão uma especie de moeda corrente na colonia. Os mesmos governadores, o clero, os empregados civis e militares, fazião o trafico d'estas bebidas espirituosas. Um systema tão monstruoso não podia deixar de produzir os mais funestos resultados nos costumes dos habitantes da Nova Gales.

N'estas circumstancias, n'este estado de desmoralisação geral em que se encontrava a colonia, era empreza arriscada para um governador o querer introduzir reformas salutareas em beneficio da comunidade. D'outro lado é preciso confessar que o character de Blish não era o mais appropriado para introduzir as reformas desejadas, porque segundo

diz o mesmo Mr. Lang, seu genio era atrabiliario, e as expressões de que se servia quando estava irritado não erão as que convinhão a um official da sua classe, e a um cavalleiro. Mas não se pôde negar que o fim a que elle se propunha era a administração da mais imparcial justiça, e o bem estar da colonia que governava.

O capitão Bligh foi deposto do commando em consequencia d'uma rebelião declarada: e pelo que respecta acerca da falta de valor moral de que o accusão seus inimigos, e de ter sido achado escondido detraz d'uma cama, elle se justifica, segundo o nosso modo de ver, victoriosamente.

Seja porem d'isto o que for, o que podemos dizer em seu favor é que o governo inglez depois da chegada de Bligh a Inglaterra e respondido em conselho de guerra o promoveu á classe de chefe de Esquadra a pesar das mais vivas diligencias praticadas pelos seus inimigos para desacreditar seu character. Pelo contrario o coronel Johnston, que á testa do seu regimento deponera do commando ao governador no mez de Janeiro de 1808, foi depois levado prezo a Londres, e alli julgado no mez de Maio de 1811 em conselho de guerra que durou treze dias, e a final declarado culpado, e sentenciado a perder seu emprego.

Vê-se por tudo isto que a relação de Montgomery Martin é dictada por espirito de partido. Estimamos pois que o acaso nos deparasse a obra de Mr. Lang, para que a memoria do governador Bligh não perdesse nada na opinião dos nossos leitores. Isto nos ensina igualmente a sermos acautelados quando se trata de infamar a uma pessoa, tendo sempre presente o adagio latino: *Audi alteram partem*, que é o mesmo que quando disemos: Ninguém pôde ser bom juiz sem ouvir as duas partes.

PLANO INCLINADO DE ALPNACH.

ENTRE todas as obras de carpinteria, a mais notavel é o *plano inclinado de Alpnach* na Suissa, tanto pela sua extensão como pela situação quasi inaccessible das alturas em que tem sua origem.

As intrincadas ladeiras e profundas gargantas do monte Pilatos na Suissa estiverão por muitos seculos cubertas de bosques impenetraveis que crecião e se destruíam sem a menor utilidade do homem, quando um estrangeiro, conduzido a elles com o objecto de caçar cabras montêzes, ficou atonito de ver este abandono e desmazelo, e chamou a attenção de muitos proprietarios Suissos para aquelles extensos arvoredos de tão superior qualidade de madeira: porem os mais inteligentes e habeis recuário á vista das difficuldades que se apresentavão, e renunciário á idea de tirar partido d'aquellas riquezas innaccessiveis, até que em Novembro de 1816 Mr. Rupp e outros tres proprietarios Suissos mais emprehendedores comprário á Camara de Alpnach certo espaço d'estes mesmos bosques por treze mil cruzados, e começário a construcção do plano inclinado, que acabou na primavera de 1818.

O plano inclinado de Alpnach era formado de perto de 25,000 grandes pinheiros despojados da sua casca, e ensamblados ou reunidos d'uma maneira muito engenhosa sem ter para isso empregado o ferro. Cento e sessenta operarios trabalhário n'elle pelo espaço de 18 mezes, tendo feito uma despeza de 40,000 cruzados. Este plano tinha tres leguas de comprimento ou 44 mil pés inglezes, e terminava no lago de Lucerna, apresentando a forma d'um canal de

dous lados de seis pés de largura e tres e meio de profundidade. O fundo compunha-se de tres arvores ou traves, tendo a do meio um rego destinado para receber algumas linhas d'agua conduzida de diferentes pontos para diminuir o effeito da fricção. O plano inteiro era sustentado por 2000 pilares ou esteios, e em certos lugares apoiado engenhosamente nos pedaços escarpados do rochedo. Sua direcção era ás vezes em linha recta, e outras formando zigs, zags, com uma inclinação que variava de 18 a 20 graus. Apoiava-se frequentemente sobre as ladeiras de pequenos montes; algumas vezes ia por debaixo de terra, e a maior distancia apparecia suspenso sobre cortaduras profundas sustentado por andaimes de 120 pés de alto. O atrevimento e a robusta construcção, d'esta obra, e a engenhosa e sabia disposição de todas as suas partes excitário a admiração de quantos a forão visitar. Antes de começar os trabalhos foi necessario cortar muitos milhares de arvores para abrir-se passo n'aquellas brenhas impenetraveis. A medida que os operarios adiantavão havia outros homens situados de distancia em distancia para indicarlhes o caminho e para descobrir nos barrancos os pontos em que depois se collocavão esteios de madeira que servião para sustentar o plano inclinado. Mais d'uma vez o mesmo Mr. Rupp viu-se obrigado a suspender-se em cordas para descer a precipicios muitissimo profundos, e nos primeiros mezes da sua empreza foi atacado d'uma violenta febre, que não lhe permittiu inspecionar as operações dos seus trabalhadores; porem nada d'isso pôde diminuir sua infatigavel perseverança. Todos os dias se fazia conduzir n'umas andas até á montanha para dirigir o trabalho, o que era absolutamente necessario, pois não tinha entre os operarios senão dous carpinteiros; os outros carecião dos conhecimentos necessarios para levar a cabo empreza tão gigantesca. Alem d'isso Mr. Rupp teve que lutar com os prejuizos dos aldeões, que o julgavão de accordo com o diabo, e accusavão-no de heresia, e tomavão a peito oppôr toda a classe de obstaculos á sua empreza, olhada como absurda e impracticavel.

Finalmente vencerão-se todas as difficuldades e Mr. Rupp teve a satisfação de ver descer as arvores do alto da montanha com a rapidez do raio. Os maiores pinheiros, que tinham 100 pés de comprimento, e 10 polegadas de diametro na sua extremidade, corrião este espaço de tres leguas em dous minutos e meio, e na rapidez da sua passagem parecia á vista que apenas podião ter alguns pés de comprimento. Esta operação era conduzida do modo mais simples. Desde a parte mais baixa do plano inclinado até o cume desde onde se lançavão as arvores, estavam alguns homens situados em distancias proporcionadas, e quando tudo estava preparado, o operario que estava na parte inferior gritava; *soltai*. Este grito era repetido pelo que se seguia immediatamente, e ia passando d'um a outro até o cume do plano inclinado em tres minutos; então os trabalhadores que estavam collocados na altura gritavão ao que estava no posto inferior: *lá vae*; e lançavão a arvore, precedida da mesma voz repetida d'um posto a outro. Quando a arvore tinha chegado abaixo, e mergulhado no lago, repetia-se a voz *soltai*, como antes, e se lançava outra arvore de igual maneira. D'esta arte descia rapidamente um poderoso mastro cada 5 ou 6 minutos, com tanto que não acontecesse alguma avaria no plano, e n'este caso reparava-se prontamente.

Para manifestar a extrema violencia, effeito da velocidade, que as arvores levavão na sua descida,

determinou Mr. Rupp fazer saltar algumas d'ellas fora do plano inclinado; e viu-se que entrarão, pela sua extremidade mais grossa, até 18 e 24 pés de profundidade na terra, e havendo um d'elles tido casualmente um encontro com outro este ficou raxado de alto a baixo, como pelo golpe d'um raio. Quando estavam já reunidas ao pé do plano muitas arvores, formavão jangadas no lago, e conduzião-se a Lucerna; e de lá pelos rios Reuss e Aar, até Brugg, e depois pelo Rheno até Waldchut ou Basilea, e até o mar se o julgavão conveniente.

Para não perder nada d'esta madeira Mr. Rupp estabeleceu nos seus bosques grandes carvoarias; fez construir cubertos para abrigar o carvão fabricado, e grandes toneis para serem enchidos de carvão e depois conduzidos a diferentes cidades. Durante o inverno quando o plano estava cuberto de neve, descia os toneis n'uma especie de *trineo*. A lenha que não era propria para carvão, queimava-se, e a cinza recolhida era despachada no inverno (*).

Poucos dias antes que o autor d'esta descripção visitasse o plano inclinado de Alpnach, apresentou-se alli um inspector de construcções navaes para examinar a qualidade da madeira, e declarou que nunca tinha visto outra tão boa, tão solida, e de taes dimensões, e logo fez uma vantajosa compra de mil arvores.

Tal é a descripção da obra empreendida e executada por um só individuo, e que excitára um vivo interesse em toda a Europa. Temos que acrescentar com o maior sentimento que já não existe esta magnifica estrutura, e que hoje apenas restão alguns vestigios nas desertas fraldas do monte Pilatos. Acontecimentos politicos diminuirão o consumo de madeira em paizes estrangeiros, que tinha feito nascer e tinha fomentado este genero de industria; e como não havia extracção foi necessario suspender o corte e transporte da madeira. (**).

O professor Playfair que viu esta assombrosa construcção refere, que ordinariamente erão precisos 6 minutos para a descida de cada arvore; porem que em tempo humido ou de chuva chegavão ao lago em tres minutos.

RUSTÃO.

CONTO.

O ULTIMO Hospodar de Valaquia era homem engenhoso e civilizado. Cultivava as letras e entregava-se a todos os divertimentos de que gozão os homens cultos na Europa. Reunião-se no seu palacio os artistas e litteratos, e entre os exercicios que se praticavão nas noutes do inverno para entreter o tempo, um d'elles era o de compôr ou inventar um conto no qual devião figurar algumas palavras determinadas pela sorte. Quando tocou sua vez ao Hospodar as palavras que lhe sahirão em sorte forão:

Satanaz,	Suisso,
Jasmim,	Elefante,
Aguas furtadas,	Diamante,
Sultão,	Nariz,
Averno,	Pilulas e
Abutre,	Azebre.

(*) Tambem podia ter aproveitado outros tres productos chimicos: o gas hydrogeneo ou inflamavel; o acido acetico ou vinagre de lenha, e a resina ou alcatrão.

(**) Nas minas de Bolanhos, na republica de Mexico, ha um plano inclinado parecido com o de Alpnach, para conduzir as madeiras do monte Occino até a mesma mina. O constructor d'esta obra foi Mr. Floresí que conhecia a Suissa e os modelos que servem alli para este genero de construcção.

Havendo escripto estas doze palavras n'um papel começou em seguida a contar o conto seguinte.

“Um pobre musulhão chamado Rustão, homem devoto e honrado, tinha gasto quanto possuia em acender vélas e lampiões a todos os santos do Alkorão, sem nunca receber da parte d'elles o mais leve signal de protecção. Desesperado com a ingratição dos favoritos de Mafoma, tratou de passar-se para as fileiras inimigas, e dar-se a *Satanaz*; o qual não tardou em lhe responder para lhe fazer vêr que era mais amigo de servir do que o propheta.

Apresentou-se-lhe n'uma nuvem de fumo, e em lugar de cheirar a enxofre despedia a fragancia e o aroma do *jasmim* e da violeta. Quando a nuvem penetrou nas *aguas furtadas* em que vivia Rustão, abriu-se de repente e no meio d'ella appareceu um formoso mancebo ricamente vestido. Rustão que esperava vêr algum diabo horrendo, com as unhas retorcidas, pontas de carneiro e rabo, ficou atonito e suspenso.

“Perdoae, disse-lhe o musulhão; parece-me que aqui ha engano: eu chamei o diabo, porem vós não tendes cara de tal.”

“Não importa, meu amigo, respondeu o pae da mentira. Conta-me os taes pezares, eu te prometto a minha protecção. Sou um principe tolerante que olho com indulgencia para os erros e debilidades dos homens. Posso ser-te muito mais util do que Mafoma, o qual te ha de prometter muito, e cumprir nada. Os preceitos que elle te impõe são letras de cambio que te ha de pagar na outra vida: porem eu pago logo á vista; pois não gosto fazer esperar os meus credores. Queres ser Bachá, Mufti, Conquistador ou Sultão? Falla: teus desejos vão ser cumpridos.”

“Ardentissimo e infernal potentado, respondeu Rustão, como conheço meus defeitos naturaes, a minha inclinação a apoderar-me do bem alheio, a minha inveja, preguiça, *et cetera, et cetera, et cetera*, o que mais me poderia convir é ser soberano d'uma grande nação para poder satisfazer todos os meus caprichos.”

“Bravo, bravissimo, tornou o principe do *Averno* com um infernal sorriso. Tu és o homem que me convem. Vou dar-te gosto: vou fazer-te sultão; porem observa attentamente o que te vou dizer. O meu poder não é tão ilimitado como tu julgas. Tem-se-me imposto certas condições ás quaes devo por força submeter-me. Se te elevo á alta dignidade que te tenho promettido, ha de ser com a clausula de que não has de entabolar disputa, nem questão, nem pendencia com homem que seja mais poderoso ou mais forte do que tu. Se assim não o fizerdes, arranja-te como poderes, porque não respondo pelas consequencias.”

“Esquentadissimo Senhor, respondeu Rustão; essas são minhas contas. Venha para cá o imperio, eu me entenderei com os que tiverem que fazer nos meus estados. Não percais tempo; porque quero ser sultão, e o vosso representante á face do mundo inteiro, para manifestar ao genero humano que não desmereço tão alto e magnifico destino.”

Apenas acabou de pronunciar estas palavras, desapareceu a nuvem e com ella a miseravel morada de Rustão, o qual se achou de repente assentado n'um throno resplandecente, no meio d'um salão sumptuoso, e respirando os mais deliciosos perfumes da Arabia. Via-se rodeado de innumeraveis escravos de ambos os sexos, muitos dos quaes apresentavão-lhe iguarias exquisitas em pratos d'ouro guarnecidos de rubis e de esmeraldas. Rustão comeu como um *abutre*, bebeu como um *Suisso*,

e sahiu para dar um passeio pelas galerias do palacio. Encostado a uma janella viu no pátio uma numerosa caravana. Pergunta que significa aquillo, e ninguém lhe responde. Os escravos olhão-se uns para os outros pálidos e confusos. A final ameaça a um delles, o qual lhe responde: "Sol dos soles, é um dos cem reis que tem a dita de serem teus tributarios. Tem elle a temeridade de te pedir a permissão de beijar a poeira dos teus çapatos. Chama-se Ali-Gachi-Gutu-Jamal e vem montado n'um elefante que é melhor do que o melhor dos teus elefantes."

"Melhor do que o melhor dos meus elefantes! exclamou furioso Rustão. Escravos, cortai immediatamente a lingua a esse profano." Esta ordem foi logo executada, e o pobre escravo nunca mais pronunciou palavra durante o resto dos seus dias. Porem isto não foi bastante para acalmar a colera do Sultão de novo cunho. Desce como um frenetico no pátio com a cimitarra nua na mão, pergunta pelo celebre elefante, e sem mais cumprimentos atravessa-lhe o coração. O pobre animal vacillou, e deu no chão com o seu poderoso volume, porem ao mesmo tempo, da torre de marfim que trazia nas suas costas caiu um enorme diamante que o sultão tributario intentava offerecer ao seu novo senhor. O diamante foi dar justamente no nariz de Rustão. O golpe foi terrivel, e não tardou em produzir hemorragia, inflamação, espasmo, e febre. Os medicos acudirão logo, e enchêrão o quarto do doente com xaropes, pilulas, tinturas, infusões, essencias, e elixires: mas tudo foi em vão. Proximo a exhalar o ultimo suspiro, Rustão viu o anjo da morte que lhe apresentava dous copos. Um delles tinha azebre na borda, e mel no fundo; o outro, azebre no fundo, e mel na borda. "Já comprehendo", disse o infeliz . . . e expirou.

PARABOLA VIII.

O PINTOR E O SEU MESTRE.

Um pintor de poucos annos conseguiu pintar um bello quadro, e de sorte que era o melhor que tinha executado o seu pincel; nem seu mestre pôde descobrir n'elle o mais leve defeito. Tão enthusiasmo estava o joven artista com a sua pintura, que suspendeu seus estudos, e incessantemente contemplava a obra da sua arte; porque se persuadia que jamais havia de fazer uma cousa superior a este esforço do seu talento.

Uma manhã quando quiz que seus olhos se deleitassem na sua pintura, achou que seu mestre tinha destruido o painel. Banhado em lagrimas e arrendo em colera dirigiu-se a elle e perguntou-lhe a causa de tão cruel procedimento.

Não tenho obrado assim sem uma madura deliberação respondeu o mestre. A pintura era, certamente uma prova dos teus progressos, porem ao mesmo tempo era a tua ruina.— Porque? replicou o joven artista.— Meu amigo, disse-lhe o mestre, tu ja não amavas tua arte na pintura, senão ati mesmo: Acredita o que te digo, não era uma obra perfeita; e ainda que tivesse as apparencias d'isso, não era senão um estudo. Pega outra vez no pincel, experimenta do que es capaz, e não chores este sacrificio. O grande e o sublime devem estar dentro de ti mesmo antes que tu os transfiras ao panno. Cheio de confiança em si mesmo e no seu instructor, pegou novamente no pincel, e aca-

bou a sua grande obra — *O Sacrificio de Iphigenia* — pois o nome do artista era TIMANTHES.

DA MORTE.

Omnia mors poscit; lex est, non poena, perire.

O CREADOR impoz ao homem seis grandes e principaes necessidades, estas são: o nascimento, a acção, o comer, o somno, a reprodução, e a morte.

A morte é a interrupção absoluta das relações sensitivas, e a anniquilação absoluta das forças vitaes, que abandona o corpo ás leis da decomposição.

Estas diversas necessidades vão todas acompanhadas e suavizadas por algumas sensações de prazer, e a morte mesma não está sem algum attractivo quando é natural, isto é, quando o corpo tem corrido as diversas phazes de crescimento, virilidade, velhice e decrepitude, ás quaes está destinado.

Se não tivéssemos resolvido sermos breves, chamaríamos em nosso auxilio os medicos que tem observado porque gradações insensíveis os corpos animados passão ao estado de materia inerte. Citariamos varios philosophos, reis, e litteratos que nas bordas da eternidade longe de se entregarem á dôr, tinham pensamentos amaveis e os adornavão com o encanto da poesia. Recordariamos aquella resposta de Fontenelle moribundo, que perguntado ácerca do que elle sentia, respondeu: "Nenhuma outra cousa, excepto uma difficuldade de viver." Preferimos porem annunciar a nossa convicção fundada não sómente na analogia, mas tambem em muitas observações que julgamos bem feitas, das quaes a seguinte é a ultima.

Tinhamos uma tia-avó de noventa e tres annos, que estava para morrer; e ainda que havia algum tempo que guardava a cama, conservava todas as suas faculdades, deixando conhecer o estado em que se achava só pela falta de vontade de comer, e pela debilidade da sua voz.

Sempre se nos mostrou affeiçoada, e por essa razão estavamos ao pé da sua cama disposto a servi-la com ternura, sem deixarmos por isso de observa-la com aquelle olho philosophico que empregamos para examinar tudo o que nos rodea.

"Estás tu ahi, meu sobrinho? disse-me ella com uma voz apenas articulada.— Sim, minha tia; estou ás vossas ordens, e parece-me que não fariéis mal em tomar um golo de bom vinho velho.— Dá, meu amigo, o liquido vai sempre para abaixo." E logo bebeu um meio calis d'um vinho generoso muito estimado, com o qual se reanimou immediatamente, e virando-se para nos com olhos que tinham sido muito lindos: "Obrigada, disse-me ella, por este ultimo serviço; se alguma vez chegardes a minha idade, has de ver que a morte é uma necessidade como o somno."

Estas fôrão suas ultimas palavras, e meia hora depois ficou adormecida, para sempre.

O doutor Richerand descreveu com tanta verdade e philosophia a desorganisação do corpo humano e os ultimos momentos do individuo, que esperamos não desagradará aos nossos leitores a sua traducção:

Eis aqui a ordem na qual cessão e se descompoem as faculdades intellectuaes. A razão, este attributo do qual pertende o homem ser o possuidor exclusivo, é a primeira que o abandona. Primeiramente perde o poder de associar diversos juizos; e logo depois o de comparar, reunir, combinar e ajuntar muitas idéas para pronunciar acerca das suas relações. Dizem então que o doente perde a cabeça

que desarrazoa, que delira. O delirio versa ordinariamente sobre as idéas mais familiares ao individuo; a paixão dominante deixa-se conhecer facilmente: o avarento falla da maneira mais indiscreta dos seus thezouros sepultados; outro morre rodeado de terrores religiosos. Recordação deliciosa da patria ausente, então te apresentas com todos os teus attractivos, e com toda a tua energia!

“Depois do raciocinio e do juizo, recebe o golpe da destruição successiva a faculdade de associar idéas; e isto acontece no estado conhecido com o nome de *desfallecimento*, como eu o tenho experimentado em mim mesmo. Eu estava a conversar com um amigo meu quando senti uma difficuldade insuperavel de unir duas idéas sobre cuja similhança queria formar um juizo; sem embargo a syncope não era completa, eu conservava ainda a memoria e a faculdade de sentir; ouvia claramente as pessoas que me rodeavão quando dizião *elle desfallece*, e como se agitavão para me tirar daquelle estado, *que não deixava de ter alguma doçura*.”

A memoria extingue-se logo depois. O doente que, no seu delirio, reconhecia ainda aquelles que estavam ao pé d'elle, desconhece a final seus parentes, depois aquelles com quem vivia em a maior intimidade. Finalmente, cessa de sentir; porém os sentidos extinguem-se n'uma ordem successiva e determinada; o gosto e o olfato já não dão sinaes da sua existencia; os olhos cobrem-se com uma nuvem tenue, e tomão uma expressão sinistra; o ouvido é ainda sensível aos sons e ao ruido. E' porque sem duvida os antigos, para maior segurança da realidade da morte, costumavão dar grandes gritos ao ouvido do defunto. O moribundo nem cheira, nem tem gosto, nem vê, nem ouve; só lhe fica a sensação do tacto; agita-se no seu leito, passa os braços por fóra, muda a cada instante de postura; faz, como já o temos dito, certos movimentos analogos aos do feto que se move no seio de sua mãe. A morte que vae descarregar seu golpe não pôde inspirar-lhe nenhum espanto, porque já não tem idéas, e acaba de viver como elle começou, sem o saber,” *Richerand, Novos Elementos de Physiologia.*

NOTÍCIAS INDUSTRIAES.

ACABA de se instituir a Companhia Conimbricense de Exploração de Pedreiras Lithographicas; cujos fins, alem daquelles que sua denominação indica, poderão estender-se a jâspes, marmores, gessos &c. Seus estatutos, que temos presentes, vem datados de Coimbra, 7 de Dezembro de 1838, e são assignados pelos Snrs. José Maria Baldy, como Presidente, e Manoel José de Freitas Junior, como Secretario. Não duvidamos de que esta empreza terá todos os felizes resultados que merecem os patrióticos intentos que assistirão á sua instituição. Alguns exemplares temos visto de pedra lithographica Portugueza, que indicavão seu perfeito aproveitamento para todos os fins da arte.

Temos visto amostras de chumbo obtidas de mineral achado nas visinhanças de Vallongo. Poucas galenas se poderão encontrar tão productivas; pois um arratel desta rende $\frac{3}{4}$ de chumbo.

RECEITAS.

Para limpar as garrafas que tem mau cheiro.

POŊHA-SE dentro das garrafas que cheirão mal alguns pedaços de papel pardo; enchendo-as depois d'agua sacudão-se fortemente, e deixem-se assim dous ou tres dias: repita-se esta operação todas as

vezes que se julgar necessario, e por ultimo limpem-se com agua pura.

Nova côr vermelha descuberta em Bruxellas.

UM chimico d'esta cidade estava a lavar as mãos para tirar umas nodoas de casca de nozes verdes. A agua estava impregnada ou saturada com chlorureto de cal, e achou com bastante surpresa que a agua ficava tingida d'um lindo vermelho. Repetiu o experimento, e veiu a saber que a côr produzida pela mistura da casca de nozes com o chlorureto pôde ser utilissima para as artes.

Para tirar a humidade da parte baixa das casas.

O Inglês que deu esta receita diz o seguinte a este respeito. “N'uma casa bastante grande e alta, na qual, aos primeiros symptomas de tempo humido, ainda que não chovesse, as pedras do pavimento e das paredes appareião completamente molhadas, fiz o experimento de levantar as pedras do chão, e de as pôr outra vez sobre tijolos sêccos de seis ou nove pollegadas de altura, de sorte que as extremidades de cada pedra descançassem sobre os tijolos, e que o ar podesse livremente correr por debaixo de todas as pedras. Não sómente o chão ficou sêcco por muitos annos, mas tambem as paredes; tanto assim, que nos dias de maior chuva apenas se observava mais que uma leve apparencia de humidade. Tendo-se experimentado isto em outras casas, e em algumas igrejas, sempre deu o mesmo favoravel resultado.”

E' de presumir que o mesmo aconteceria para conservar as taboas livres de humidade, se fossem postas sobre tijolos sêccos. Outras pessoas botão carvão de choça em pó; porem isto é mais dispendioso.

TRATADO ELEMENTAR DE GEOGRAFIA

Astronómica, Phisica, Antiga e Moderna

por D. Jose' de Urcullu.

Novas investigações geograficas acerca do descobrimento da Australia (Nova-Holanda) tem demorado a impressão do terceiro e ultimo volume d'esta obra, que tem merecido o mais favoravel acolhimento dentro e fora do reino. O ultimo volume ha de levar tres estampas lithografadas.

AO PUBLICO.

Com este 12.^o N.^o termina a publicação do MUSEU PORTUENSE. Circunstancias imperiosas assim o exigem.

Cumpra a seus Redactores agradecerem a todas aquellas pessoas que por um ou outro modo tomãrão interesse pelo feliz exito da empreza. A seus Assignantes e Correspondentes, é mais individualmente dirigido seu reconhecimento.

Se os resultados da nova carreira que encetrãrão, não forão tão prosperos como elles se poderão lisongear que serião, não lhes resta todavia o pesar de terem ne la totalmente fulhado. Em contrario tem por evidencia a rapida duplicação do numero dos Assignantes logo depois da publicação dos primeiros Numeros, e os não solicitados elogios que recebêrão d'homens de saber e de critica.

A tal qual carreira que tracãrão, pois, ali fica aberta para quem alem das forças necessarias se sentir com a constancia que os primeiros e temporarios obstaculos não prostrão.

Vendem se collecções completas do MUSEU PORTUENSE por 720 Rs. na Typographia Commercial Largo de S. João Novo N.^o 12.